

## BRASÍLIA 2022

→ DF - Economia

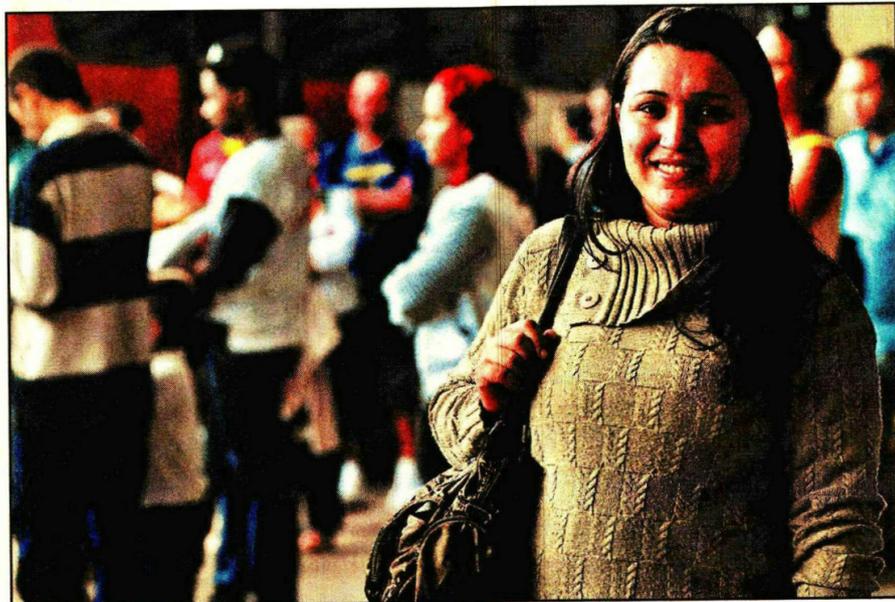
DF - Oportunidades emprego

Estimativa aponta queda no índice de desemprego na próxima década, que deve sair da casa dos dois dígitos e chegar a 9%. O mercado também ficará mais profissional. A situação do Entorno, no entanto, preocupa por conta da falta de investimentos na região

Fotos: Antonio Cunha/Esp. CB/D.A Press



Dispensada do emprego, Leidiane Pinheiro fez curso de computação e de secretariado para voltar ao mercado



A cobradora de ônibus Ana Luiza Ferreira iniciou uma graduação para prestar concurso

# CAPITAL DAS OPORTUNIDADES

» MARIANA BRANCO

O mercado de trabalho do futuro, em Brasília, deve primar pela profissionalização. Em 2022, empresas que abrirem as portas nos anos 1960, à época da inauguração da capital federal, terão perdido as características de empreendimentos de pequeno porte ou familiares e estarão mais semelhantes aos grandes grupos e às marcas nacionais. Esses empregadores serão exigentes, e, obedecendo a tendências mundiais, valorizarão os candidatos com iniciativa. O nível do desemprego dependerá das políticas voltadas para o Entorno e da situação fiscal dos próximos governos. Caso o setor público corte gastos e diminua as contratações, a desocupação tenderá a crescer no Distrito Federal. O funcionalismo estará diferente do que é hoje, com demanda cada vez maior dos empregadores por eficiência e resultados.

Atualmente, o DF apresenta bons números no que diz respeito às oportunidades de trabalho. Dados da última Pesquisa de Emprego e Desemprego no DF (PED-DF), realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), apontaram taxa de desemprego de 11,9% em novembro de 2011, o índice mais baixo registrado em 20 anos. Os segmentos que mais empregam a população são os serviços e a administração pública, sendo que o primeiro, embora tenha maior volume de trabalhadores, é sustentado pelos altos salários do segundo.

Pelo fato de o funcionalismo estar consideravelmente presente em termos de quantidade de pessoas e, mais ainda, de massa salarial, os movimentos de emprego e desemprego locais estão necessariamente atrelados ao que acontece com esse grupo. O economista Júlio Miragaya, diretor de Gestão de Informações da Companhia de

Desenvolvimento do Distrito Federal (Codeplan), diz que, por esse motivo, o futuro do emprego no DF dependerá do que acontecerá com a economia internacional e de como a administração brasileira responderá a essa conjuntura. "Se o crescimento econômico do Brasil se consolidar até 2022 e não sofrer as agruras da crise, o quadro vai levar à redução do desemprego no país. E o governo continuará contratando servidores públicos e melhorando os salários", acredita.

O sociólogo e analista do Dieese Daniel Biagioni faz avaliação semelhante e frisa que o DF leva vantagem sobre as demais unidades da Federação nesse ponto, já que o funcionalismo leva mais tempo para sentir as turbulências externas do que outros setores da economia. "Aqui, a taxa de desocupação depende do serviço público, mais seguro e menos flexível a mudanças", pondera.

Em um cenário positivo para o funcionalismo, o índice de desemprego do DF tende a sair da casa dos dois dígitos e ficar entre 9% e 9,5% na próxima década, aposta Miragaya. Entretanto, ele

alerta que a projeção não leva em conta as cidades goianas de Valparaíso, Luziânia, Águas Lindas e outras que compõem o Entorno. Ainda assim, as pesquisas não abrangem essa realidade. "A taxa de desemprego que temos hoje é uma distorção, pois não inclui a área metropolitana. São municípios que estão em outro estado, mas fazem parte do nosso mercado", diz Miragaya.

Caso o Entorno passe a ser levado em conta no cálculo do desemprego local, a proporção de desocupados no DF pode saltar para 17,5%. A região tem População Economicamente Ativa (PEA) estimada em 450 mil pessoas e índice de desemprego de 22%, segundo estimativa feita por Miragaya. A Codeplan solicitou ao Ministério do Trabalho a inclusão da área na PED-DF



### » Três perguntas para

**CARMEM CAVALCANTI, PSICÓLOGA E ESPECIALISTA EM RECURSOS HUMANOS**

**De que forma um possível apagão de mão de obra no DF pode afetar o mercado de trabalho na próxima década?**

Já temos esse cenário de apagão em Brasília e trata-se também de um problema nacional. A economia do país vem crescendo de maneira galopante. Deve haver uma desaceleração, mas o Brasil vai continuar se desenvolvendo. O resultado é que, em 10 anos, quem oferecer as melhores condições de remuneração, mais benefícios, conseguirá reter os poucos profissionais disponíveis.

**Como resolver esse problema da capacitação?**

Acredito que, ao longo da década, terá que acontecer uma virada de jogo. As em-

presas perceberão que, se não investirem nas pessoas, não terão ganho em resultados, pois a competitividade continuará cada vez maior.

**Do ponto de vista do profissional de 2022, o que mais será valorizado pelas empresas no futuro?**

A experiência. Segundo um estudo norte-americano, em 2030, 70% da mão de obra na faixa etária de 60 a 70 anos terão emprego disponível. Vamos perceber a presença da maturidade com mais proeminência, os ciclos produtivos se alongarão. Afinal, é uma geração de idosos que terá mais saúde do que os que têm a mesma idade hoje. Não será estranho uma pessoa se aposentar com 80 anos.

### Sem opções

O DF sempre foi referência na hora de procurar emprego para Leidiane Pinheiro, 26 anos, moradora de Novo Gama, cidade a 51 quilômetros da capital federal. Atualmente desempregada, ela levantava-se às 4h20 e pegava dois ônibus para chegar ao Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek, às 6h40. "Eu cortava sanduíches para serem servidos por companhias aéreas. Tinham contratado a mim e a meu marido para o período de experiência, que dura três meses. Quando terminou, ficaram só com ele", conta.

Leidiane, que cursou computação e secretariado, quer voltar

ao mercado e não esconde a preferência pelo DF. "Na minha cidade, além de emprego ser mais difícil, as poucas opções que têm não pagam bem. Oferecem o salário mínimo (R\$ 545), sem benefícios", lamenta. Não é apenas o mercado de trabalho local que é atraente para a jovem. "A saúde e a educação do DF são melhores."

A cobradora de ônibus Ana Luiza Ferreira, 26 anos, vive na Cidade Ocidental, a 48km de Brasília, e trabalha para uma firma goiana. Ela sonha com a renda e a estabilidade do setor público. "Comecei a cursar administração de empresas agora. Quero prestar concursos e nível superior paga melhor", comenta.